

# O SUJEITO NA AUTO-ESCRITURA BENJAMINIANA: A AUTO-ESCRITURA NO ESPAÇO MEMÓRIA

Guaraciara R. LOTERIO<sup>1</sup>

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo a questão da autobiografia em Walter Benjamin, buscando compreender a maneira como se dá a constituição do sujeito em tais escritos. Para tanto, levaremos em conta a forma peculiar pela qual Benjamin parece negociar sua identidade nessas narrativas, isto é, rompendo com a idéia de linearidade e transparência do sujeito. Essa leitura parece lidar com as constantes transformações – que, por vezes, chegam até mesmo a expressar contradições – sofridas pelo sujeito benjaminiano ao longo de seus escritos.

**Palavras-Chave:** Walter Benjamin – Autobiografia - Sujeito.

## Abstract

This paper has as objective the subject on Walter Benjamin's autobiography, looking forward to understand the way the subject's constitution is given in such writings. For such, we will consider the peculiar form in which Benjamin seems to negotiate his identity in those narratives, that is, breaking up with the subject's linearity and transparency ideas. That reading seems to work with the constants transformations - that, per times, seems even to express contradictions - suffered by Benjamin's subject along his writings.

**Keywords:** Walter Benjamin – Autobiography – Subject.

## Introdução

A intenção inicial de minha pesquisa de mestrado era analisar a maneira como se constitui o sujeito ao longo dos escritos "confessionais" de Walter Benjamin<sup>2</sup>, levando em consideração os movimentos e transformações que lhe são essenciais. Para tanto, busquei levar em conta a forma peculiar pela qual Benjamin parece negociar sua identidade nestas narrativas, isto é, rompendo com a idéia de linearidade e transparência do sujeito. Deste modo, o autor parece possibilitar o desenvolvimento de uma leitura alegórica de sua escritura de si. Tal leitura visa lidar com as constantes transformações – que, por vezes, chegam até

---

<sup>1</sup>Mestranda do programa de pós-graduação em Teoria e História Literária IEL-Unicamp, bolsista FAPESP, orientada pelo Prof. Dr. Márcio Orlando Seligmann-Silva. Contato: guaralot@hotmail.com

<sup>2</sup>Propus-me a desenvolver a pesquisa a partir da leitura das seguintes obras de Benjamin: *Rua de Mão Única (Einbahnstrasse)*; *Imagens do Pensamento (Denkbilder)*; *Infância em Berlim por Volta de 1900 (Berliner Kindheit um Neunzehnhundert)*; e *Diário de Moscou (Moskauer Tagebuch)*. Esse recorte foi feito tomando por base aquele realizado por Gerhard Richter em seu artigo "Acts of Self-Portraiture: Benjamin's Confessional and Literary Writings", publicado pela primeira vez em 2004, em *The Cambridge Companion to Walter Benjamin*.

mesmo a expressar contradições – sofridas pelo sujeito benjaminiano ao longo de sua auto-escritura.

A princípio, em meu projeto de pesquisa, tomei como sinônimos os termos “confessional” e “autobiográfico”<sup>3</sup>. Parti, assim, do pressuposto de que a pergunta pela “escrita confessional” benjaminiana se confundiria com a questão da autobiografia na obra do autor. Contudo, no decorrer da pesquisa, tal ponto necessitou de maiores detalhamentos, chegando mesmo a ser essencial uma distinção entre o que era compreendido por ‘*escrita confessional*’ e ‘*autobiografia*’. Com o aumento de meu arcabouço teórico, e principalmente pensando no *corpus* do autor em questão, pude notar a inabrangência do termo *confessional*, uma vez que este falha em demonstrar o *double gesture* presente na auto-escritura benjaminiana, a qual, como aponta Seligmann-Silva, vai além do ato de confessar “verdades escondidas” e calcadas no segredo da representação do si-mesmo, mas também abrange a ação de testemunhar e representar uma “experiência que resiste a essa representação”<sup>4</sup>.

Por meio de uma auto-escritura que se desloca pelos caminhos da memória, Benjamin articula esse gesto duplo de confissão e testemunho, denotando uma “articulação desarticulada”, na esfera do autobiográfico. Assim, a auto-escritura benjaminiana supera o termo ‘confessional’ e passa a abranger a duplicidade e complementaridade subjetiva de dois atos – confissão e testemunho – que se encontram irmanados nas bipolaridades ‘propriedade-verdade’ e ‘ex-propriação-negação’; conforme pretendo demonstrar aqui, embasada na leitura de teóricos como Heidegger e Derrida, mas também do próprio Benjamin.

### ***Desarticulação e Apresentação: A Auto-Escritura Benjaminiana***

Buscando refletir sobre a problemática citada, parto de Heidegger, que clamava como tarefa da escrita a “rememoração ou restituição do ser”<sup>5</sup>. Para Heidegger, a tarefa da elaboração do ser abarca algumas possibilidades que propiciam uma leitura-escrita ex-propriadada. Por ex-propriação compreende-se aqui o movimento para fora do *propius*, ou seja, movimento que, no ato mesmo de apropriação daquilo que é o seu sentido mais próprio, é fragmentado, desfundamentado, ex-localizado. Segundo Heidegger, “a *essência* da presença

---

<sup>3</sup>A princípio, e já no projeto de pesquisa, por uma questão de entrelaçamento entre estes dois pólos – já que se pode tomar o “confessional” como um momento do “autobiográfico”, defini ambos como sinônimos. Para isso, baseei-me na leitura de **Remédios**, Maria Luiza [org.]. *Literatura Confessional: Autobiografia e Ficcionalidade*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1997.

<sup>4</sup>Seligmann-Silva, Márcio. *Grande Sertão: Veredas como Gesto Testemunhal e Confessional*. In: Revista *Alea* [online]. 2009, vol.11, n.1, pp. 130-147. ISSN 1517-106X. doi: 10.1590/S1517-106X2009000100011. Estudos Neolatinos v.11 n.1. Rio de Janeiro, p.131.

<sup>5</sup>Heidegger, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 48.

[ser-aí/*Da-sein*] está em sua existência”<sup>6</sup>. Assim, se a questão do ser é a história de um esquecimento, tal se deve ao fato de que o ser fora até então pensado essencialmente como separado de sua existência, isto é, os essencialismos e existencialismos agregam um espaço inerte como diferença entre essência e existência.

A partir do termo *Da-sein* [*ser-aí*], Heidegger introduz a forma quiasmática da questão, já que o *Da* significa o ser enquanto essencial abertura. Para ele, “*Da* quer dizer ‘aqui’ ou ‘lá’ (...) ‘aqui’ ou ‘lá’ são possíveis apenas em um *Da*, ou seja, somente se existe um ente que, como ser do *Da*, abriu a sua espacialidade”<sup>7</sup>. A abertura propiciada pela inclusão do *Da* se torna possível justamente no quiasma, o qual representa a junção da essência com sua própria existência. O quiasma exclui qualquer possibilidade de limitação conceitual do *sein*, que passa a significar aquilo que indica o *Da*, e ainda mais: o próprio do ser é que seja essa indicação muda de seu *Da*, pois “na sua ausência ele [o ser] não somente não existiria de fato, mas não poderia ser, em geral, o ente desta essência. O *Da-sein* é a sua abertura”<sup>8</sup>. Neste ponto, Heidegger propicia uma abertura para que pensemos a fala fragmentária da escrita da memória, escrita esta que, como nos aponta Seligmann-Silva, se opõe a um modelo mimético – entendendo-se aqui *mimesis* como *imitatio* – marcado apenas pela “representação”, privilegiando principalmente a “apresentação” – a qual, pensada kantianamente, é o único adequado às idéias estéticas e éticas<sup>9</sup>.

Essa análise remonta uma temática aparentemente obsessiva nos estudos literários e na filosofia, a saber: o problema de trazer a linguagem como linguagem para a linguagem, ou seja, trazer à linguagem sua fala. Para Heidegger a linguagem é alinhada a conceitos e não à linguagem ela mesma; há uma tendência a esquecer a fala da própria linguagem para demorar-se em atributos desta como metalinguagem, como reflexão lógico-gramatical espalhada na superfície do discurso. A fim de contornar esse equívoco, o autor propõe a busca do vigor da linguagem por meio de um *Riss* (rasgo): “*Riss*, rasgo, é a mesma palavra que *ritzen*, riscar, arranhar. (...) A rasgadura é o todo dos rasgos daquele riscado que articula o entreaberto e o livre da linguagem”<sup>10</sup>. Por meio da unidade da rasgadura retomamos o *Da-sein*, uma vez que o rasgo vislumbra a abertura como momento no qual aquilo que se fala e o que não se fala articulam-se, possibilitando algo advir da linguagem por meio desse rasgo. É

---

<sup>6</sup> Idem, p. 191

<sup>7</sup> Idem, p. 192

<sup>8</sup> Ibidem

<sup>9</sup> Seligmann-Silva, Márcio. *Catástrofe, História e Memória em Walter Benjamin e Chris Marker: A Escrita da Memória*. In: Seligmann-Silva, Márcio [org.]. *História, Memória e Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003, pp. 387-388.

<sup>10</sup> Heidegger, Martin. *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 201.

porque a rasgadura articula o dito e o não-dito – esse reclamado da fala que sobrevém como indício, no sentido de uma remissão – que é possível, de acordo com Heidegger, aproximarmo-nos da linguagem como linguagem, libertando-a e estabelecendo a sua condição de possibilidade. Para Heidegger a remissão aponta a verdadeira fala da linguagem, abrindo a condição de possibilidade desta.

O elemento dessa reflexão é a força ex-propriadora inserida no gesto mesmo de apropriação, uma vez que o *Da-sein* abrange tanto a possibilidade inscrita de ser-o-aí – de estar-se no próprio lugar – quanto o mostrar-se inatural de toda a enunciação do ser no momento do dizer, um *shifter*, que possui duplamente o poder de ter lugar e o “impoder” da pura negatividade. Da mesma maneira, o gesto de apropriação da fala da linguagem expropria-se no momento da rasgadura, pois esta, como conjunção entre o que se fala e o que não se fala, realiza o jogo impossível do mostrar-se ausente e se ocultar presente, o qual é seu gesto próprio na aproximação da fala da linguagem. Deste modo, o rasgo remete infinitamente ao gesto duplo entre aquilo que se fala e não se fala, a verdadeira revelação da fala da linguagem: a maneira quiasmática do dizer e do não dito que se correspondem.

Da mesma maneira, quando se pensa na auto-escritura de Walter Benjamin, é possível denunciar o rompimento de um contexto linear por meio da fala da memória. Tal rompimento denuncia a necessidade e a impossibilidade do lembrar-se, opondo deste modo, memória e esquecimento. A fala da linguagem benjaminiana privilegia um processo de “arqueologia textual”<sup>11</sup> no qual a trajetória de um sujeito em esfacelamento deve ser resgatada. Apenas por meio dessa “arqueologia”, a relação entre o sujeito e seu contexto histórico-cultural pode ser pensada. Os gestos narrativos de Benjamin expressam, de maneira autoconsciente, a idéia de que só se torna possível apoderar-se do sujeito textual na medida em que acompanhamos os constantes caminhos trilhados pelos diversos significados desse sujeito ao longo da escrita. Se Benjamin deseja situar sua discussão arqueológica do sujeito primário na arte de se auto-retratar é porque ele sabe que o problema do sujeito é inerente, em certos níveis, a todos os momentos de representação, sendo de certo modo mais agudo no discurso autobiográfico. O sujeito de uma autobiografia se localiza tradicionalmente na difícil tentativa de se projetar como unificado, autônomo, em seu contexto histórico e social transparente.

Se Benjamin problematiza o momento em que as memórias são apresentadas e passam a figurar no texto, é porque para ele a apresentação de tais memórias sempre ameaça romper-se em uma aporia. Essa tensão pode ser vislumbrada em um dos trechos de *Berliner Chronik*:

---

<sup>11</sup>Richter, Gerhard. Richter, Gehard. Walter Benjamin and the Corpus of Autobiography. Detroit: Wayne State University Press, 2002, pp.41-42.

A autobiografia se preocupa com o tempo, com a sucessão e o que constitui o fluxo da vida. Aqui, contudo, estou tratando de espaço, de momentos e descontinuidades. Pois mesmo que meses e anos apareçam aqui, é na figura que de um momento de recordação. Essa figura estranha – que se deve chamar de fugaz ou eterna: em nenhum caso é o material de que é feita a vida... O ar de uma cidade que evoca e distribui aqui breves e sombrias existências.<sup>12</sup>

Enquanto a compreensão tradicional de uma autobiografia espera uma narrativa hierarquicamente cronológica que se desdobra em uma vida, a auto-escritura benjaminiana não se desdobra de maneira linear e cronológica, mas como uma montagem de experiências e miniaturas textuais – uma *bricolage* no sentido levi-straussiano do termo<sup>13</sup>. Sua arte de se auto-retratar reside, diz-nos Benjamin, não no tempo, mas no espaço, como uma topografia ou constelação, cuja escrita do sujeito contém os significados. Enquanto o espaço dessas constelações nunca pode se encontrar fora de temporalidade, o tempo é visto como um tropo que designa não o desdobramento linear da trajetória de vida, mas antes uma forma retórica na qual é construído no momento da lembrança.

Com essas análises em mente, recorro à Derrida e ao interesse pela literatura e seu *modus operandis*: o fazer literário, sobretudo a desagregação da sintaxe e o desarranjo no conteúdo, a junção de fatores aparentemente contraditórios que esquadrinham a língua em seu “para além da linguagem”<sup>14</sup>. Em Derrida os sentidos da auto-escritura encontram-se inseridos em uma língua por vezes ambígua e complexa – a qual demonstra os atos e efeitos daquele que “entrega-se sempre à língua”, mesmo quando está “à beira do francês, unicamente, nem nele nem fora dele”<sup>15</sup> – que renega a superficialidade do apenas “falar-acerca-de” um assunto sem demonstrar aquilo que há neste de complicado, exasperante. Em Derrida – assim como em Benjamin – a forma daquilo que é dito interessa tanto quanto o próprio dito (ou não-dito), forçando um alargamento de conceitos, a fim de demonstrar suas possibilidades e também limites.

Por meio de traços autobiográficos lançados em lugares inesperados, Derrida – assim como Benjamin – faz lembrar que a auto-escritura gera simulacros, espectros que se dispõem

---

<sup>12</sup>Benjamin, Walter. *A Berlin Chronicle*. In: Selected Writings Vol. II (1927-1934). Cambridge/Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 1999, p. 612.

<sup>13</sup>Nesse sentido, a definição de Lévi-Strauss do processo do *bricolage* (deslocamento de termos de um sistema classificatório para outro construindo significados diversos em função dos novos arranjos obtidos) engloba uma dimensão artística que lhe é inerente. (Para mais detalhes Cf. Lévi-Strauss, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Trad. de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 2010).

<sup>14</sup>Barthes, Roland. *Lé degré zéro de l'écriture*. In: *OEuvres Complètes*. Paris: Seuil, 2002, t.I, p.133.

<sup>15</sup>Derrida, Jacques. *Le Monolingüisme de l'autre*. Paris: Galilée, 1996, p.80.

ao longo das páginas. Sendo assim, há uma demanda por uma ética da alteridade, muito embora saibamos que reivindicar uma alteridade não significa impingir uma demanda de singularidade, uma vez que esta é sempre interrompida pela lei do outro. Antes, o que esta reivindica é um lugar à margem – a mesma margem que atravessa o modo de leitura, pois o que Derrida faz não é mais do que ler as margens de textos que lhe chamam a atenção, fazendo-o através de sua língua que está “à beira do francês”. De maneira similar é possível evidenciar a preferência de Benjamin por ensaios e seu ato constante de coletar informações advindas das mais inesperadas fontes – de livros esotéricos e bulas de remédio a livros de filosofia –, o que irá permear todo o seu *corpus* e constituir o inacabado *Passagen-Werk*.

Neste ponto também é possível uma analogia com a auto-escritura benjaminiana, uma vez que esta evoca a dissolução do sujeito em múltiplas leituras, envolvendo mais que meras imagens refletidas ou duplicações do si mesmo, revelando um sujeito que se mostra em sua alteridade<sup>16</sup>. Na auto-escritura de Walter Benjamin o compromisso com um domínio pode figurativamente expressar-se em termos de outro. Nesse sentido, não é possível esquecer que, conforme afirma o próprio Benjamin, a condição de possibilidade da “verdade” de algo – incluindo o sujeito – parece emergir da transformação desse algo em outro:

Não há nada mais pobre que uma verdade expressa tal como foi pensada. Em tal caso, sua transcrição não é ainda nem sequer uma fotografia ruim. Também a verdade, (como uma criança, como uma mulher que não nos ama) se recusa, diante da objetiva da escrita, quando nos acocoramos sob o pano preto, a olhar quieta e amistosamente.<sup>17</sup>

Assim, se alguma verdade se manifesta na escrita, é justamente uma verdade que se desdobra em inúmeros sentidos. Sobre tal “verdade”, prossegue Benjamin:

É bruscamente, como com um golpe, que ela [a verdade] quer ser afugentada de seu mergulho em si mesma e despertada num susto [...]. Quem quereria enumerar os sinais de alarme com que é guarnecido o interior do verdadeiro escritor? E “escrever” nada mais significa que pô-los em movimento.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup>Para um exame detalhado desta questão do sujeito que se define enquanto alteridade, Cf. Richter, Gerhard. “*Acts of Self-portraiture: Benjamin’s Confessional and Literary Writings*”. In: Cambridge Companion to Walter Benjamin. Cambridge University Press, 2004, pp. 221-237.

<sup>17</sup> Benjamin, Walter. *Primeiros Socorros Técnicos*. In: *Rua de Mão Única*. Benjamin, Walter. Obras Escolhidas II. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, p. 60.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

No movimento da retórica de Benjamin, as palavras e os conceitos dão a impressão de, a qualquer momento, entrar em uma nova relação com aquilo que apresentam. É por isso que a leitura de sua auto-escritura exige que se trilhem os caminhos nos quais as palavras e os conceitos têm seus significados constantemente transformados<sup>19</sup>. Assim, a “verdade” que emerge da leitura desses escritos, reside não na linearidade ou no referencial da linguagem benjaminiana, mas nos movimentos constantes através dos quais ela se transforma.

Com base nisto, o registro autobiográfico entra em rasura, deixando transparecer as sinuosidades com que se chega às posições, aos pontos de vista. Não se trata, portanto, de aprisionar a escrita a um gênero, mas de mutilar a este, entrelaçá-lo, de modo que ocorra uma “modulação”, uma “transformação”. Se por um lado há uma “lei” do gênero autobiográfico, o autor, assim como Derrida, busca desarticulá-lo, desestabilizá-lo. Benjamin parece explicar isso quando diz:

Não se deve ter medo de retornar novamente e novamente a um mesmo fato de interesse, espalhar, do mesmo modo que se dissolve um torrão de terra, agitar como se dissolve e se molda uma peça de barro. Porque, de fato, o que importa são os sedimentos, estrato que resgata apenas os mais meticulosos exames que constituem e asseguram a verdade escondida no interior da própria terra: as imagens, que rompem todo o contexto, resistem – como ruínas ou torsos na galeria de um colecionador – como tesouros em câmaras sombrias de antigos discernimentos. E, de modo a cavar e obter sucesso, um plano é certamente requerido. É indispensável cavoucar cuidadosamente, proibindo que a escuridão penetre o barro; aquele que apenas mantém um inventário de suas descobertas, mas não essa feliz escuridão da própria descoberta, engana-se.<sup>20</sup>

Para Benjamin, a condição de possibilidade do ato autobiográfico, não é um instrumento que deve ser empregado a fim de se obter acesso a um sistema rápido de referência externa, mas antes, uma cena, um espaço, um lugar, um aspecto, um cenário (*Schauplatz*).

Essa estranha figura do tempo não é o produto da vida natural, mas sedimentos de experiências vividas que imergem como uma imagem figurativa da temporalidade na cena da escrita autobiográfica. Como nos diz Richter<sup>21</sup>, a escrita autobiográfica de Benjamin codifica a temporalidade – que é pensada, escrita, e lembrada no tempo – e sua suspensão. Esta é

---

<sup>19</sup>A este respeito Cf. De Man, Paul. *Autobiography as De-facement*. In: *Modern Language Notes*, Vol. 94, n°5. Johns Hopkins University Press, Dezembro, 1979, pp. 919-930.

<sup>20</sup>Benjamin, Walter. *Gesammelte Schriften*. Ed. Rolf Tiedemann and Hermann Schweppenhäuser, v. VI. Frankfurt Am Main: Suhrkamp, 1985, p.486-487/Benjamin, Walter. *A Berlin Chronicle*. In: *Selected Writings Vol. II (1927-1934)*. Cambridge/Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 1999, p. 611.

<sup>21</sup>Richter, Gerhard. *Walter Benjamin and the Corpus of Autobiography*. Detroit: Wayne State University Press, 2002, p.46.

precisamente a razão, no momento do ato autobiográfico, que faz com que a estranha figura do tempo seja duplamente efêmera e eterna. A cena da auto-escritura benjaminiana se abre justamente no espaço daquilo que o autor denomina de efêmero e eterno; entre o esforço de capturar a presença do significado e a perspectiva de sua ausência.

Neste ponto, e após discorrermos anteriormente sobre Heidegger e a fala da linguagem como *Riss*, é possível nos utilizarmos do conceito derridiano de *différance* – esse maugrafismo repleto de possibilidades que não é essencialmente nem uma palavra, nem um conceito – para trazermos novas luzes à questão da auto-escritura<sup>22</sup>. A princípio notemos que o ‘a’ que marca a grafia de *différance* – letra que se escreve e pouco se escuta – permanece silenciosa ali mesmo onde produz diferença. Este ‘a’ demarca o enclausuramento de um antigo preceito: o da escritura fonética. Ele demonstra que não há, de fato, uma escrita rigorosamente fonética, na medida em que, permanecendo como um traço áfono, essa escritura não parece funcionar. Esse ‘a’ silencioso funda, assim, uma pequena anarquia, desequilibrando o presente da *phoné* e o colocando sob a extensão de uma negatividade não nomeada que se resume na abertura da *différance* a algo que a con-tém. Do mesmo modo o *Da* do *Dasein* – esse “aqui”, “ali” descrito anteriormente – e os sedimentos benjaminianos – que remetem a imagens que rompem um contexto – funcionam como *shifter* de uma diferença que pode ser encontrada no ‘a’ silencioso de *différance*. O ‘a’ da *différance* – marcado pela afonia da escritura fonética – abre o termo para aquilo que desde sempre foi condição da escritura em geral, a arqui-escritura como unidade não originária (pois áfona e ágrafa) da escritura e fala em geral<sup>23</sup>.

Todavia, *différance* carrega ainda outro sentido, que se apóia em aspectos da lingüística estrutural de Saussure<sup>24</sup>. Para este, o signo apresenta dois motivos principais: a arbitrariedade e o caráter diferencial. Os dois motivos se articulam na medida em que a arbitrariedade do signo indica a articulação da linguagem como sistema de diferenças, ou seja, uma vez que o signo é não motivado, a fim de sustentar-se, a linguagem articula-se de modo a formar uma rede de diferenças em que não há termos positivos, em que jamais um termo está presente em si mesmo. Assim, a linguagem como sistema de diferenças tem por conseqüência a não pertinência da própria idéia de signo, e, deste modo, só haverá diferenças de diferenças, sendo a *différance* “a possibilidade da conceitualidade, do processo e do sistema conceitual em

---

<sup>22</sup> Cf. Derrida, Jacques. *Margens: de La Philosophie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.

<sup>23</sup> Idem, p. 6.

<sup>24</sup> Cf. Saussure, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.

geral”<sup>25</sup>. Deste modo, a saga do dizer é já sempre uma ex-propriação do dito que diz o dizer, mas que, coadunado nessa estrutura, traça a possibilidade do dizer em geral. É exatamente por isso que Derrida associa o ‘a’ de *différance* à economia de morte:

O a da *différance* não se escuta, ele permanece silencioso, secreto e discreto como um túmulo: *oikesis*. Marquemos, assim, por antecipação, esse lugar, residência familiar e túmulo onde se produz em diferença a economia da morte.<sup>26</sup>

É possível, por meio dessa reflexão, dizer que os traços autobiográficos que aparecem nas obras de Derrida, como em Benjamin, carregam questionamentos que vão além das questões da linguagem ou mesmo da escrita de si. A própria semântica dos “traços” faz surgir, de modo espectral, aquilo que se perdera na linguagem. Como em Hamlet de Shakespeare, a verdade é proferida por um fantasma, daí vivenciarmos ao mesmo tempo a verdade e seu luto. Utilizando-se da semântica dos véus em *Voiles*<sup>27</sup>, Derrida demonstra que o que haveria não seria um desvelamento, mas uma re-velação, no sentido de velar novamente e por mais tempo o segredo que se diz segredo apenas para se autovelar.

Derrida faz-nos pensar sobre como tratar a verdade, como consentir um ver a si, uma verdade de si, uma veracidade. Para isso, ele utiliza-se de uma frase paradoxal e cifrada “eu a cinza”, a fim de denunciar a si, a verdade de si, e efetuar um gesto “confessional” por meio do rompimento, do “queimar” – e não apagar – a consistência do eu. Quando, em *Feu la cendre* e em textos como *Glas* e *O cartão postal*, Derrida aponta que *Há cinza, fogo cinza, eu cinza*; as substituições que acompanham a cinza são maneiras de falar em “segredo” de algo que permanecerá em segredo, mesmo que um livro seja dedicado ao assunto, pois os sentidos se deslocam. Ele constrói, desta maneira, todo um vocabulário em torno do “problema” da verdade – *lance, cena, segredo, resto, cinza* – sendo difícil arriscar definições em torno de tais palavras. Elas parecem funcionar melhor em seus contextos, mas trazem em si parentescos, ressonâncias, que nos guiam a fim de compor o sentido de autobiografia. No momento em que parece surgir um conceito, um esmiuçamento deste, é como se o autor precisasse deixar claro que isso não basta. O sentido do eu como cinza, de um eu que não basta para constituir um gênero, faz parte de uma estrutura que encena uma espécie de “errância” dos gêneros.

---

<sup>25</sup> Derrida, Jacques. *Margens: de La Philosophie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967, p. 11.

<sup>26</sup> Idem, p. 12.

<sup>27</sup> Cf. Derrida, Jacques. *Voiles* - avec Hélène Cixous. Paris:Galilée, 1998.

Como Rodolphe Gasché<sup>28</sup> identifica quando trata da constituição do sujeito em trabalhos autobiográficos, pode-se compreender a “desapropriação” da identidade do sujeito pela linguagem como uma espécie de extensão, uma apresentação dessa própria “desapropriação”, a qual ocorre quando o autor concebe o “eu” como “existência”, transpondo-o para a escrita. Também nesse sentido, Paul De Man insiste em tratar a autobiografia não como “momentos localizados em uma história”, mas antes, “manifestações (...) de uma estrutura lingüística”<sup>29</sup>.

Diante disso, “a verdade” da auto-escritura benjaminiana poderia ser mensurada não em termos de como a linguagem do autor permanece idêntica a si mesma, linear e referencial, mas, antes, em função de seus constantes movimentos para se tornar aquilo que ela ainda não é. De acordo com uma metáfora empregada por De Man, “as portas” pelas quais temos acesso aos escritos autobiográficos são “giratórias”; imagem que, segundo De Man, representa o “movimento dos tropos” à medida que eles se tornam “eventos” dentro de uma estrutura lingüística<sup>30</sup>. Isto significa que o “movimento dos tropos” desapropria a identidade do sujeito, tomando em um texto aquilo que é “fornecido” por um autor e o tornando algo inevitavelmente “projetado”. Analogamente, é possível ler a auto-escritura de Walter Benjamin não de forma linear, clara e simbólica, mas irregular, alegórica; como a buscar extrair seus sentidos do abismo entre a expressão, significação e a apresentação. Como explica Gagnebin, uma leitura alegórica “não tenta fazer desaparecer a falta de imediaticidade do conhecimento humano, mas se aprofunda ao cavar esta falta, ao tirar daí imagens sempre renovadas [...]”<sup>31</sup>. Porque a alegoria insiste na sua “não identidade essencial”<sup>32</sup>, uma leitura atenta dos textos autobiográficos de Benjamin deve privilegiar o nascimento e o renascimento na fuga perpétua do sentido último da alegoria.

O próprio Benjamin parece sugerir que qualquer palavra ou conceito devem ser lidos ou interpretados com os olhos voltados para aquilo que não pode ser compreendido por meio de uma apresentação figurativa. É assim que, em *Ursprung des Deutschen Trauerspiels*, ele resumidamente explicita essa difícil tarefa, fazendo perceber que: “cada pessoa, cada coisa, cada relação pode significar qualquer outra”<sup>33</sup>.

---

<sup>28</sup>Gasché, Rodolphe. *Modern Language Notes*, Vol. 93, n°4, Maio de 1978, p. 266.

<sup>29</sup>De Man, Paul. *Autobiography as De-facement*. In: *Modern Language Notes*, Vol. 94, n°5. The Johns Hopkins University Press, Dezembro, 1979, p. 922.

<sup>30</sup>Ibidem.

<sup>31</sup>Gagnebin, Jeanne Marie. *Alegoria, Morte, Modernidade*. In: *História e Narração em Walter Benjamin* São Paulo: Editora Perspectiva, 1994, p. 45.

<sup>32</sup>Ibidem.

<sup>33</sup>Benjamin, Walter. *Selected Writings* Vol.1. Cambridge/Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 1996, p. 175.

Assim, aquilo que Derrida empreende – assim como Benjamin – é algo mais que uma mera busca pela verdade, sendo o segredo a que alude não uma “metáfora da metáfora”, “metáfora da verdade”, “verdade da metáfora” ou “verdade da verdade”. É a própria forma do segredo, do desvendamento impossível do segredo, que é tocada. A questão do segredo carrega uma aporia: o segredo está destinado a permanecer em segredo. É impossível de ser contado, revelado, pois não se encontra escondido ou guardado, sendo uma questão para além da carga semântica do segredo<sup>34</sup>. Aquilo que Derrida visa buscar parece ser o intervalo que possibilita romper com oposições aparentes entre íntimo e estranho, público e privado. A “autobiografia do logro” é, portanto, o que encena uma “aprendizagem infinita” da cultura do si-mesmo; porém, um si-mesmo que se esconde e ama fazê-lo, como o bicho-da-seda<sup>35</sup>. Toda essa operação é a do segredo além do segredo, que joga com todos os sentidos do visível: o invisível como visível guardado, o visível cifrado, ou o não visível como outro além do visível<sup>36</sup>. O desmembramento da estrutura autobiográfica, assim, não é visível ao leitor, a exemplo do trabalho do bicho-da-seda.

Derrida, como Benjamin, ao mesmo tempo em que se inscreve como eu, nega veementemente o desvelamento desse eu. A presença solicitada estaria no intervalo do velamento-desvelamento típico da metamorfose do bicho da seda. Como o próprio Derrida explica:

Depois de ter comido – intimado, na verdade – suas folhas de amoreira, de vegetal, o vegetariano se fecha, certo, ele se intima, mas ele se intima no que a natureza lhe ordena tirar de si, de produzir fora se separando dele e ao mesmo tempo se enterrando nele, o casulo, de secretar em si fora de si, de d’*extimar*... exteriorizar o que ele é e o que vem dele, que ele guarda ou que lhe guarda perdendo-o: a seda como si-mesmo. Aparentemente *ex nihilo*.<sup>37</sup>

A passagem do bicho-da-seda, imposta de fora, pela natureza, ocorre, todavia, nele mesmo, e é invisível ao outro, da mesma maneira que a verdade em um texto – mesmo sendo denunciada, proclamada – se faz em si mesma. Como aponta Derrida, diante desse trabalho vê-se o progresso da tecedura, mas de fato nada se vê. O corpo do bicho-da-seda, quanto mais se transforma em obra, na sua obra, mais se esconde de si mesmo, o que significa adquirir a sua posse, a sua propriedade, a sua voz.

---

<sup>34</sup>Cf. Michaud, Ginette. *Tenir au Secret – Derrida, Blanchot*. Paris: Galilée, 2006, p. 16.

<sup>35</sup>Derrida, Jacques. *Voiles – avec Hélène Cixous*. Paris: 1998, pp. 83-84.

<sup>36</sup>Idem, p.84.

<sup>37</sup>Derrida, Jacques. *La connaissance des textes. Lectures d’ un manuscrit illisible – avec Simon Hantai e Jean-Luc Nancy*. Paris: Galilée, 2001, pp.150-151.

O ato confessional é frustrado, é uma mistura de verdade e ficção impossível<sup>38</sup>, de um ‘a’ de *différance* como *shifter* constante, de um véu que nunca desvela, mas desvela constantemente, da apropriação ex-propriadada<sup>39</sup> da fala da linguagem por meio de rasgaduras. É impossível distinguir onde este ato se inicia e onde termina, de modo que se atentarmos que a “ficção manifesta a verdade”<sup>40</sup>, podemos deduzir que esta relação se estreita no momento mesmo em que se promete dizer a verdade. Neste caso, o ato de confessar a verdade se torna um segredo que não se encontra transcrito propriamente nem no espaço da literatura, nem no espaço da filosofia, mas no movimento entre ambos, se desterritorializando e se territorializando no espaço autobiográfico.

\*\*\*

Como explicitado por Heidegger e Derrida, Benjamin articula por meio de sua auto-escritura – visando dar conta da escrita do não-dito – o seu testemunho cifrado de perpétua confrontação com o si-mesmo, contando ainda com a instabilidade e o agravamento de uma atmosfera histórica fascista. Assim, o espectro do fascismo assombra os seus escritos, fazendo com que ele articule suas “tentativas” de auto-escritura na emergência de romper com o *continuum* da locomotiva da catástrofe. Partindo desta perspectiva, a auto-escritura benjaminiana dá a impressão de distinguir e caracterizar uma nova forma de se auto-retratar por meio da escrita. Assim, o sujeito em seus escritos surge como aquele cuja identidade é definida pela condição de não ser ele mesmo, como aquele que negocia a sua construção e a dispersão de sua autenticidade na linguagem. De acordo com Fredric Jameson, na medida em que Benjamin partilha conosco a dissolução de si mesmo em múltiplas leituras, parece também abrir uma via para se pensar um sujeito que permanece indefinido<sup>41</sup>. Esta era a sua via para

---

<sup>38</sup>Esse paradoxo levou Nietzsche a dizer que o sujeito, o “eu”, não é algo “fornecido”, mas uma “invenção”. Ele insiste que a “subjetividade” deve ser pensada como uma ficção, como algo que foi previamente formulado e para o qual nosso papel particular e histórico é um fato. Nas palavras de Nietzsche: “O sujeito” é a ficção em que vários de nossos estados similares são o efeito de um substrato: somos nós que primeiramente criamos a “similaridade” de tais estados; ajustá-los e fazê-los similares é o fato, não a sua similaridade (a qual deve ser, preferencialmente, negada). O foco de Nietzsche é a idéia da subjetividade como um processo. O “eu” não deve ser visto como um “espírito”, apesar de já o admitirmos como uma espécie de linguagem conceitual que criamos<sup>38</sup>. Devemos observar aqui que para Nietzsche a contradição se encontra entre *identidade* e *discurso* – entre o “sujeito” e suas variadas representações – de forma que o “sujeito” apenas pode existir conceitualmente como uma representação. (Cf. Nietzsche, Friedrich. *The Will to Power*, tradução Walter Kaufmann e R. J. Holingdale, ed. Walter Kaufmann. Nova York, Vintage Books, 1968, p. 269).

<sup>39</sup>Essa mesma contradição será explorada por Rodolphe Gasché, que menciona uma constitutiva iniciativa do sujeito no trabalho autobiográfico. Para Gasché a autobiografia traz a “desapropriação” da identidade do sujeito pela linguagem. A escrita é uma extensão, uma representação dessa mesma “desapropriação”. (Cf. Gasché, Rodolphe. *Modern Language Notes*, Vol. 93, n°4, Maio de 1978, p. 266).

<sup>40</sup>Derrida, Jacques. *Gloss*. Paris: Galilée, 1974, p. 495.

<sup>41</sup>Cf. Jameson, Fredric. *Benjamin's Readings*. In: *Diacritics* 22. Cornell University Press, 1992, pp. 3-4 e pp.19-34.

auto-retratar a si e, ao mesmo tempo, chamar a atenção para aquilo que parecia ruir política e historicamente em seu tempo.

Benjamin demonstra a urgência de sua “luta contra o fascismo”<sup>42</sup> por meio do desenvolvimento de uma série de conceitos que “diferem dos mais familiares termos naquilo que são completamente sem valor para os propósitos do fascismo”<sup>43</sup>. Mas, ao mesmo tempo em que sugere tal projeto, parece negar esta tarefa, abrindo espaço para especulações. Ele mesmo lança luz sobre tal pensamento enigmático quando, ao enviar seu “*Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit*” a Max Horkheimer, em 16 de outubro de 1935, afirma que as reflexões de seu artigo “pretendem dar as questões levantadas pela teoria da arte uma verdadeira forma contemporânea: e de fato a partir do interior [*und zwar von innen her*], evitando qualquer relação não-mediada sobre política [*unter Vermeidung aller unvermittelten Beziehung auf Politik*]<sup>44</sup>.

Benjamin se refere deste modo a atualidade de suas reflexões críticas sobre estética e política, as quais visam, por meio de uma escrita que busca fazer justiça a singularidade do objeto e sua auto-diferenciação, evitar a crueldade historicista do pensamento político fascista. A fim de pensar as instâncias históricas e políticas, o autor busca uma linguagem que não se permite vaguear por um imediatismo falso ou se deleitar na segurança da *mimesis*<sup>45</sup>. Sua enfática negação ao não-mediado demonstra que sua confrontação com o político, do mesmo modo que sua confrontação com seu si-mesmo, apenas atinge seu completo potencial quando não se encontra diretamente evidenciada. Desta feita, ele não tem a necessidade de explicar aquilo que seus conceitos são, uma vez que estes se coadunam organizando um movimento transgressivo em sua linguagem<sup>46</sup>. É exatamente a imagem deste movimento que importa, como diz o próprio Benjamin: “não tenho nada a dizer, apenas à mostrar”<sup>47</sup>.

Se Benjamin problematiza o momento de representar a si e de explicar seus conceitos é porque para ele esta tarefa ameaça perde-se pelos caminhos oblíquos da linguagem e subverter

---

<sup>42</sup> Idem, (G.S.I, p.697; trad. inglesa p. 257).

<sup>43</sup> Idem, (G.S.I, p. 473; trad. inglesa p. 218).

<sup>44</sup> Benjamin, Walter. *Briefe*. Ed. Gershom Scholem and Theodor W. Adorno. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1966. pp. 690-691/ Benjamin, Walter *The Correspondence of Walter Benjamin, 1910-1940*. Ed. Gershom Scholem and Theodor Adorno. Trad. Manfred Jacobson and Evelyn Jacobson. Chicago: University of Chicago Press, 1994, p. 509.

<sup>45</sup> Richter, Gehard. *Walter Benjamin and the Corpus of Autobiography*. Detroit: Wayne State University Press, 2002, p. 21.

<sup>46</sup> Idem, p. 46.

<sup>47</sup> Benjamin, Walter. *Gesammelte Schrifte*. Ed. Rolf Tiedemann and Hermann Schweppenhäuser, v. V. Frankfurt Am Main: Suhrkamp, 1982, p. 574/ Benjamin, Walter. *Passagens*. Tradução: W. Bolle e outros. Belo Horizonte: Editora UFMG / São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, N, p. 247.

a verdadeira fala do sujeito e de sua história<sup>48</sup>. Contudo, é incontestável a importância do fluxo transgressor em seus escritos, uma vez que estas representações, segundo Gagnebin, fazem emergir “momentos privilegiados para fora do continuum cronológico”, sendo definidos no fim das *Teses*<sup>49</sup> como as imagens apreendidas de uma “constelação”<sup>50</sup>.

Desta maneira, a auto-escritura benjaminiana encontra-se sedimentada nessa tensão, existindo como gesto duplo que abriga tanto a construção quanto a destruição do sujeito. Como nos mostra Gagnebin, um profundo entendimento do *corpus* de Benjamin visa:

[...] considerar a realidade dos objetos de maneira suficientemente crítica para nela descobrir [...] os rastros de uma outra configuração ideal de cuja memória os nomes são guardiões. O real fica assim submetido [...] a um duplo movimento de destruição e de restituição salvadoras: denunciado por seus engodos e por sua presunção, ele se revela como sendo desordem e, por isso mesmo, deixa perceber o apelo de uma transformação [...].<sup>51</sup>

Admitir essa duplicidade significa aceitar que o modo de se auto-retratar de Walter Benjamin não deve ser separado de sua crítica mais geral do sujeito moderno. Assim, o sujeito fragmentado de Benjamin evita constantemente a conclusão e o fechamento, mesmo ao tentar se aproximar deles.<sup>52</sup> As figuras textuais do sujeito traçam, dessa maneira, os contornos de seu perpétuo deferimento. Neste sentido, Benjamin rejeita a idéia de um sujeito contínuo e auto-identificável, do mesmo modo como rejeita a estética e política fascistas, o que explica as próprias multiplicações e reconfigurações do sujeito em sua auto-escritura. Como ele explicita em um de seus fragmentos “a aparente totalidade [unificada] individual não importa”<sup>53</sup>.

A negação de Benjamin a qualquer unificação e sistematização teórica está justamente no movimento auto-reflexivo de sua linguagem. Como nos sugere sua amiga Hannah Arendt: “o que era tão difícil compreender em Benjamin é que ele, sem ser um poeta, pensava

---

<sup>48</sup>Segundo Paul De Man, haveria um “momento autobiográfico” por meio do qual “o autor declararia a si mesmo como o sujeito de seu próprio entendimento”. Esse entendimento revelaria uma estrutura tropológica, na qual repousa a possibilidade de todo conhecimento, inclusive o conhecimento de si mesmo. Mas esse conhecimento estaria comprometido com a exposição escrita. (Cf. De Man, Paul. *Autobiography as De-facement*. In: *Modern Language Notes*, Vol. 94, nº5. The Johns Hopkins University Press, Dezembro, 1979).

<sup>49</sup>Cf. Benjamin, Walter. *Sobre o Conceito de História*. In: *Magia, Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

<sup>50</sup>Gagnebin, Jeanne Marie. *Alegoria, Morte, Modernidade*. In: *História e Narração em Walter Benjamin* São Paulo: Editora Perspectiva, 1994, p. 18.

<sup>51</sup>Gagnebin, Jeanne Marie. *Alegoria, Morte, Modernidade*. In: *História e Narração em Walter Benjamin* São Paulo: Editora Perspectiva, 1994, p. 16.

<sup>52</sup>A este respeito Cf. Richter, Gerhard. *Acts of Self-portraiture: Benjamin's Confessional and Literary Writings*. In: *Cambridge Companion to Walter Benjamin*. Cambridge University Press, 2004, p. 224.

<sup>53</sup>Benjamin, Walter. *Morte*. In: *Gesammelte Schriften*. Ed. Ed. Rolf Tiedemann and Hermann Schweppenhäuser, v. VI. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972, p. 128.

poeticamente [*dichterisch dachte*]<sup>54</sup>. Como Arendt aponta, é importante atentar para a dimensão imagético-ilustrativa do pensamento de Benjamin, uma vez que tal dimensão demonstra um urgente engajamento crítico do autor a fim de pensar a política e o fascismo por meio de sua intrincada relação com a linguagem. Essa relação de Benjamin com a política se dá por meio da relação entre a linguagem e a cultura, entre o artefato idiomático e sua formação histórica, de modo a refletir seriamente acerca do caráter figurativo e retórico de ambos. Assim, a confrontação do autor com a política fascista faz com que ele evite forçar a assimilação do objeto textual a um cruel modelo mimético, criticando os caminhos pelos quais os eventos lingüísticos são reduzidos a um simples material ilustrativo ou evidencial. Para Benjamin, a historicidade de um texto – que não está em sua própria historicidade ou em seu contexto histórico – e suas ressonâncias ético-políticas estão sempre em um outro lugar, mais além.

Esse lugar se torna claro à medida que o entendimento de Benjamin dos traços históricos e seu contingente se relacionam com um contexto particular. A idéia de um objeto ou texto ocorre em um lugar particular no tempo e, concomitantemente, dinamita esta particularidade. Kracauer discorre sobre esse procedimento benjaminiano como a consequência de um “pensamento que permanece em uma estranha [*fremd*] relação com o seu tempo”<sup>55</sup>. E é precisamente nessa estranha relação com seu contexto e seu tempo, simultaneamente imersa e distante, que o pensamento de Benjamin registra e teoriza o fenômeno representacional.

Apesar de os traços de seu objeto serem examinados como inscritos historicamente, eles não necessariamente pertencem a um tempo determinado. Isto apenas para dizer que não é porque um texto apresenta traços históricos que estes determinam necessariamente uma relação transparente de tal texto com o período em que foi produzido. Como Benjamin mesmo coloca: “O tempo da história é infinito em toda direção e não realizado a todo o momento. Isso significa que nenhum momento empírico é pensado de forma a manter uma necessária relação com a situação histórica particular na qual foi produzido”<sup>56</sup>.

Compreender a relação de Benjamin com a linguagem significa atentar para a tensão perpétua entre o evento textual e, por outro lado, a história e o político. Sua luta contra o fascismo se encontra, certamente, em meio a esta tensão. O sujeito na auto-escritura

---

<sup>54</sup> Arendt, Hannah. *Walter Benjamin, Bertolt Brecht: Zwei Essays*. Munich: Piper, 1971, p.22.

<sup>55</sup> Kracauer emprega essa formulação em seu artigo “On the Writings of Walter Benjamin”, o qual originalmente é publicado no Jornal de Frankfurt [*Frankfurter Zeitung*] em 15 de Julho de 1928. Atualmente este mesmo artigo se encontra no volume de ensaios *The Mass Ornament*. Ed. E Trad. Thomas Y. Levin. Cambridge Harvard University Press, 1995, p.259.

<sup>56</sup> Benjamin, Walter. *Gesammelte Schriften*. Ed. Rolf Tiedemann and Hermann Schweppenhäuser, v. II. Frankfurt Am Main: Suhrkamp, 1972, p. 134.

benjaminiana apresenta-se entre o medo e a urgência de ter de se articular no conhecimento da possível não-identificação do eu, apesar de denunciar a questão do referencial dimensional da linguagem ao fazê-lo.

#### **Bibliografia:**

- Barthes, Roland. *Lé degré zéro de l'écriture*. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Seuil, 2002, t.I.  
\_\_\_\_\_. *Roland Barthes*. Trad. de Richard Howard. Nova Iorque, Hill & Wang, 1977.
- Benjamin, Walter. *Denkbilder*. Frankfurt: Suhrkamp, 1974.  
\_\_\_\_\_. *Selected Writings* Vol. I-IV. Trad. Rodney Livingstone, Edmund Jephcott, Howard Eiland, e outros. Cambridge/Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 1996-2003.  
\_\_\_\_\_. *Gesammelte Schriften*. 14 livros em 7 vols. Ed. Rolf Tiedemann and Hermann Schweppenhauser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972- 89.  
\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas VII*. São Paulo: Brasiliense, 1994/1995. Tradutores: Sérgio Paulo Rouanet, José Carlos Martins Barbosa.
- De Man, Paul. *Autobiography as De-facement*. In: *Modern Language Notes*, Vol. 94, nº5. Johns Hopkins University Press, Dezembro, 1979.
- Derrida, Jacques. *Gloss*. Paris: Galilée, 1974.  
\_\_\_\_\_. *La connaissance des textes. Lectures d' un manuscrit illisible* – avec Simon Hantai e Jean-Luc Nancy. Paris: Galilée, 2001.  
\_\_\_\_\_. *Le Monolinguisse de l'autre*. Paris: Galilée, 1996.  
\_\_\_\_\_. *L'oreille de l'autre. Autobiographies, transferts, traductions. Textes ET débats avec Jacques errida*. Montreal: ULB Éditeur, 1982.  
\_\_\_\_\_. *Margens: de La Philosophie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.  
\_\_\_\_\_. *Voiles* – avec Hélène Cixous. Paris: 1998.
- Gagnebin, Jeanne Marie. *Alegoria, Morte, Modernidade*. In: *História e Narração em Walter Benjamin* São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.
- Gasché, Rodolphe. *Modern Language Notes*, Vol. 93, nº4, Maio de 1978
- Heidegger, Martin. *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.  
\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- Jameson, Fredric. *Benjamin's Readings*. In: *Diacritics* 22. Cornell University Press, 1992.
- Jay, Paul L. *Being in the Text: Autobiography and the Problem of the Subject*. In: *MLN* vol. 97 nº5, *Comparative Literature*. The Johns Hopkins University Press, Dez. 1982.
- Kracauer, Siegfried. *The Mass Ornament*. Ed. E Trad. Thomas Y. Levin. Cambridge Harvard University Press, 1995.
- Lévi-Strauss, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Trad. de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 2010.
- Michaud, Ginette. *Tenir au Secret – Derrida, Blanchot*. Paris: Galilée, 2006.
- Nietzsche, Friedrich. *The Will to Power*, tradução Walter Kaufmann e R. J. Holingdale, ed. Walter Kaufmann. Nova Iorque, Vintage Books, 1968.
- Remédios, Maria Luiza [org.]. *Literatura Confessional: Autobiografia e Ficcionalidade*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1997.
- Richter, Gerhard. “*Acts of Self-portraiture: Benjamin's Confessional and Literary Writings*”. In: *Cambridge Companion to Walter Benjamin*. Cambridge University Press, 2004.  
\_\_\_\_\_. *Walter Benjamin and the Corpus of Autobiography*. Detroit: Wayne State University Press, 2002.
- Rockwell, Gray. *Autobiography Now*. In: *The Kenyon Review*, New Series, Vol. 04, Nº 01. Kenyon College, Winter 1982.
- Saussure, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- Seligmann-Silva, Márcio. *Catástrofe, História e Memória em Walter Benjamin e Chris Marker: A Escritura da Memória*. In: Seligmann-Silva, Márcio [org.]. *História, Memória e Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- Sypher, Wylie. *Loss of the Self in Modern Literature and Art*. Nova Iorque, Random House, 1962.